

DIA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA: PROCESSO DE RESISTÊNCIA

PORTUGUESE LANGUAGE DAY FOR THE BRAZILIAN LANGUAGE: PROCESS OF RESISTANCE

Marlon Leal Rodrigues¹

Data de recebimento do texto: 16/10/2023

Data de aceite: 30/10/2023

RESUMO: A proposta desse ensaio é abordar alguns indícios paradigmáticos, momentos de resistência, reivindicação de uma língua brasileira a partir de uma historicidade das línguas silenciada, vencidas. A escolha do *corpus* foi a música e poesia, lugar de inscrição de sentimentalidades, de discursos de uma história que não quer silenciar-se, reivindica o direito de se inscrever na ordem da identidade de uma língua que se desloca silenciosamente se desloca para um outro lugar que supostamente subtendida ser apenas objeto arqueológico de museu, mas que vem encontrando fissuras e brechas nas bordas dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa. Língua Brasileira. Resistência. Sentido.

ABSTRACT: A purpose of this essay is to address some paradigmatic evidence, moments of resistance, claiming a Brazilian language from a silenced, defeated historicity of languages. The choice of the corpus was music and poetry, a place for the inscription of sentimentalities, of discourses of a history that does not want to be silenced, claims the right to be inscribed in the order of the identity of a language that moves silently moves to another a place that is supposed to be just an archaeological museum object, but which has been finding fissures and gaps on the edges of the senses.

KEYWORDS: Portuguese Language. Brazilian Language. Resistance. Meaning.

¹ NEAD/UEMS.

Introdução

Não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórico que não seja afetada de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo. (Pêcheux, 2002, p. 56)

De acordo com Motta (2020, p. 05)

Por meio destas concepções vemos que a AD reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ou seja, ninguém fala enquanto nada e todos falam de algum lugar. No entanto, sem submeter-se a língua, o indivíduo não se constitui em sujeito. Desta forma, não há sentido e nem sujeito sem o assujeitamento à língua, à história e à cultura.

Neste sentido, nossas reflexões e análise se inscreve na Análise do Discurso de Linha Franco/Brasileira considerando a linguagem, ideologia, sujeito, história e cultura e processo de assujeitamento. Tendo estas questões teóricas, comemorar o dia Internacional da Língua Portuguesa (5 de maio) representa em alguma medida a “discursividade” da “posição sujeito” (ORLANDI, 2012) que marca o lugar de vencedor se for possível considerar a história e prestar homenagens aos vencedores.

De acordo com Orlandi (2012), os sentidos e os sujeito são divididos entre si, o que representa uma disputa interna a cada sentido constituído que é marcado pela contradição sempre em disputa, só o vencedor se coloca. Esta contradição e disputa pelos sentidos implica que a comemoração coloca em evidência a posição do vencedor, ao mesmo tempo na divisão dos sentidos, condição que deixa “insignificado” ou em “suspensão os sentidos” (ORLANDI, 2012) dos vencidos.

O sentido de comemoração silencia a dos vencidos, de-significa-o sua existência, seus sentidos, suas glórias, seus gritos etc. As discursividades da posição sujeito dos vencidos é invocada para colocar em destaque e enaltecer o vencedor, talvez devesse honrar os vencidos, pois o vencedor encontra a grandeza

porque o vencido foi em alguma medida grande. Não há grandeza em derrotar um fraco, não há honra em vencer um adversário que não oferece o clamor da batalha.

Neste sentido, quando se comemora o dia da Língua Portuguesa, para os não Portugueses é reafirmar significativamente sua historicidade, já para os outros povos, seria reafirmar a posição do vencedor com ou sem sentidos de resistência na ordem do discurso político “identitário” (RODRIGUES, 2007). O quando há dos vencidos no vencedor? Quanta glória nas batalhas dos vencidos foi para o vencedor? Quais sentidos honram o vencedor se os vencidos não fossem honrados? Quais causas e demandas políticas ideológicas legitimaram o vencedor? Etc.

Comemorar o dia da Língua Portuguesa para as não portuguesas seria prestar homenagens à Lusitânia com esquecimento a de outros povos e línguas, reafirmar a suspensão e in-significação de sentidos, seria reafirmar o caráter do processo de subjetividade da formação de identidades.

No entanto, todo feito de sentidos de poder possui suas “brechas” e “fissuras”, há sentidos que de uma forma ou de outra resistem e lutam contra a soberania do poder ou do vencedor. A memória discursiva reluta diante do arquivos do esquecimento ou apenas se entregar a um lugar nos porões da história.

A glória, ou no dizer de Pêcheux (2002), a “felicidade” de todo discurso é poder circular em seu efeito de sentido; já a glória dos discursos e sentidos vencidos ou é ser resgatado pela arqueologia discursiva para nos museus para ainda produzir metaforicamente sua soberania da existência ou que um dia existiu.

Ou, de outra forma, circula nas fissuras e brechas, silenciosamente nas “sombras” do vencedor à espreita ou quem saber, à espera de uma oportunidade de um “acontecimento” (PÊCHEUX, 2002), de um “equivoco”, de um “deslocamento”, de uma “falha” (ORLANDI, 1999) furar a regularidade da memória discursiva vencedora e se inscrever na ordem política dos discursos, em suas bordas do possível, nos limites construídos pelos sentidos. Este é o espaço da resistência.

Contraditoriamente não há como comemorar sem reinscrever os vencidos em metáforas, sentidos em suspensão, sentidos sem efeitos de tensão. De certa forma em toda vitória está a soberania do vencido, seus gritos, sua resistência sua presença, sua glória.

A partir destas considerações, a proposta é analisar os processos de

resistência da língua dos povos brasileiros em relação à soberania da Língua Portuguesa, ou seja, da Língua Portuguesa, dos vencidos, para a Língua Brasileira, processos de resistência e reinscrição de todos os vencidos em uma nova “roupagem” (MARX, 1887: p. 21):

Os homens fazem sua história, mas não fazem como querem, não fazem sob as circunstâncias de suas escolhas e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime com um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada [grifo meu].

Assim, iniciar uma análise, podemos considerar um padrão de “indícios paradigmáticos” (GINSBURG, 1989) de rupturas no sentido de Língua Portuguesa por elementar que seja, é sempre difícil, recorro ao cantor Gilberto Gil:

“A língua fala por si. A importância de tratar da língua seja através dos museus, dos programas, dos acordos ortográficos, seja através dos processos de liberalização das falas novas, a língua é importante. A língua é nossa mãe. O museu cuida de todos os aspectos da língua escrita, falada, da língua dinâmica, a língua da interação, a língua do afeto, a língua do gesto, e de tudo isso este museu vai cuidar.” (Gilberto Gil, 2019).

O que dizer da Língua Portuguesa no dia da Língua Portuguesa. A primeira lembrança que vem se inscrever é da época ainda do colégio, a poesia de Olavo Bilac



“Última Flor do Lácio”:

Última flor do lácio, inculta e bela
És, a um tempo, esplendor e sepultura
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o tom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo
Amo-te, ó rude e doloroso idioma

Em que da voz materna ouvi: Meu filho
E em que Camões chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho

Salvo algumas questões históricas e concepção atual de língua na relação ao discurso, o sentido de beleza da poesia ainda me toca pela genialidade de poeta e digo para a Língua Portuguesa: “amo-te, ó rude e doloroso idioma”.

Também não tenho como não falar do efeito de sentidos da música de cantada por Caetano Veloso²

“Língua”:

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixa os portugueses morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira
Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua
Vamos atentar para a sintaxe paulista

² Canção de Caetano Veloso e Elza Soares, letra de Letra de Língua © Warner Chappell Music, Inc.

E o falso inglês relax dos surfistas
 Sejamos imperialistas
 Cadê? Sejamos imperialistas
 Vamos na velô da dicção choo de Carmem Miranda
 E que o Chico Buarque de Hollanda nos resgate
 E Xequemate, explique-nos Luanda
 Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
 Sejamos o lobo do lobo do homem
 Sejamos o lobo do lobo do homem
 Adoro nomes
 Nomes em ã
 De coisa como rã e ímã...
 Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
 Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
 Arrigo Barnabé
 Incrível
 É melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível filosofar em alemão
 Se você tem uma idéia incrível
 É melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível
 Filosofar em alemão
 Blitz quer dizer corisco
 Hollywood quer dizer Azevedo
 E o recôncavo, e o recôncavo, e o recôncavo
 Meu medo!
 A língua é minha Pátria
 eu não tenho Pátria: tenho mátria
 Eu quero fráttria
 Poesia concreta e prosa caótica
 Ótica futura
 Samba-rap, chic-left com banana
 Será que ele está no Pão de Açúcar
 Tá craude brô, você e tu lhe amo
 Qué que'u faço, nego?
 Bote ligeiro
 arigatô, arigatô
 Nós canto falamos como quem inveja negros
 Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
 Livros, discos, vídeos à mancheia
 E deixa que digam, que pensem, que falem.

A letra da música de Caetano Veloso inicia com louvor a Lusitânia e acaba por ressaltar a Língua Portuguesa do Brasil:

“Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia.”

Proporcionando uma viagem sobre uma das facetas de qualquer língua:

“Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira
Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua”

E ainda exalta nossa brasilidade, homenageia a língua em que Machado de Assis se fez gênio de nossa língua:

“Vamos atentar para a sintaxe paulista
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
Cadê? Sejamos imperialistas
Vamos na velô da dicção choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Hollanda nos resgate
E Xeque-mate, explique-nos Luanda”

“Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
Arrigo Barnabé.”

O poeta Oldney Lopes³ também exalta alguns dos sentidos de língua com uma bela poesia:

**“É essa língua tórrida e faceira
Inebriante e meiga e doce e audaz
Que envolve e enleia a gente brasileira
E quem a utiliza é quem a faz.”**

³ Oldney Lopes©, <https://www.oldney.net/visualizar.php?id=433893>.

Ele aborda as línguas em uma só língua, do formal ao cotidiano. Ainda traz o lusitanismo em detrimento da brasilidade:

*“É a mesma língua, embora evoluída,
Que veio de outras terras com Cabral
Escrita por Caminha, foi trazida
Na descoberta do Monte Pascoal”*

No entanto com uma concepção de língua bem mais próxima da Linguística de Ferdinand de Saussure:

POEMA À LINGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa que amo tanto
Que canto enquanto encanto-me ao ouvi-la
Em cada canto é fala, é riso, é pranto
E nada há que a cale e que a repila.

*É essa língua tórrida e faceira
Inebriante e meiga e doce e audaz
Que envolve e enleia a gente brasileira
E quem a utiliza é quem a faz.*

*É a língua dos domingos, no barzinho
A mesma das segundas, no escritório
A que fala o andrajoso, no caminho
E o cientista, no laboratório.*

*É a mesma língua, embora evoluída,
Que veio de outras terras com Cabral
Escrita por Caminha, foi trazida
Na descoberta do Monte Pascoal*

Não há quem fale errado ou fale mal
De norte a sul, é belo o que é falado
Na língua de Brasil e Portugal.
Para julgar quem fala certo ou fala errado

Não há no mundo lei, nem haverá:
Quem faz da fala língua, é quem a fala
Gramática nenhuma a calará
Gramático nenhum irá cegá-la!

Adriana Barbosa⁴ com a posição sujeito, ou a visão do invasor, com sentidos de sentimentalidades brasílica também lembra a Lusitânia que invadindo terra brasileira não escapa a influência ou efeito de sentido das línguas nativas – guerreiras e resistentes:

“Língua mãe
Que nos mares venceu
E se juntou ao irmão
Que nesta terra nasceu.”

A Lusitânia não conseguiu fugir a tenacidade e tenta resistir, procura se esquivar, mas é vencida a cada dia, pois as línguas nativas imprimem na Flor do Lácio o sentido e a força da resistência guerreira de seus falantes, povos nativos, africanas e europeias:

“Língua mãe
Que encontrou destino
E se juntou ao dialeto afro
Colorindo mais nosso hino.”

Outras línguas de outros povos - juntamente com as guerreiras línguas africanas - por inunção política e histórica, resistem. A Flor do Lácio não suplantando a resistência nativa e a de outros povos, elas se juntam na/pela luta do existir, pela força do tempo e da vida, todas elas imprimem de tal forma pela vivência que alguns chegam a dizer que já não é mais a Língua Portuguesa e nem Flor do Lácio, e sim Língua Brasileira.

A Língua Portuguesa – Adriana Barbosa
Língua mãe
Que os mares venceu
E se juntou ao irmão
Que nesta terra nasceu

Língua mãe
Que de Portugal zarpou
Atravessou tempestades
E na América ficou

4 (<https://br.pinterest.com/pin/197525133645439507/>)

Língua mãe
Que ao vir parar aqui
compreendeu a necessidade
De se mesclar ao tupi guarani

Língua mãe
Que aqui encontrou destino
E se juntou ao dialeto afro
Colorindo mais nosso hino

Língua Portuguesa
Que em nossas vidas entrou
E transformou em poema
Toda beleza que aqui encontrou

A Língua de Manoel Bandeira fez as primeiras investidas na Flor do Lácio, como a língua de Euclides da Cunha, de Mário de Andrade, de Graça Aranha, de Câmara Cascudo, de Oswald de Andrade, de Guimarães Rosa, e língua do gênio de Machado de Assis.

Podemos falar ainda da língua do samba de Noel Rosa, de Adoniram Barbosa, de Martinho da Vila, a língua da favela, da periferia, dos morros, do Funk, da juventude, da rebeldia, dos ribeirinhos, do campesinato etc. Língua da revolta populares, das conversas de barzinho, do baixo meretrício, língua do sertão e das capitais, língua que filosofa, das cantigas de ninar, língua dos estudiosos, das leis, da arte e da cultura, “língua culta e bela, amo-te, singelo e sensível idioma”, amo seus trejeitos, seus arroubos, suas formas duras e suaves, suas indecisões e direções.

Amo-te, oh! Língua Brasileira, língua de Machado de Assis, na qual Capitu se imortalizou.

Amo-te, língua mal compreendida e vítima dos mitos e preconceitos vindos daqueles que não compreendem o seu encanto e sua beleza, suas formas una na diversidade ou na diversidade una. Aqueles que não compreendem sua vivacidade, seu vigor, sua juventude, seus contornos abertos, seus equívocos, suas falhas, seus deslizos, seu simbolismo, seu dever, seus efeitos de sentido, formas discursivas falada, cantada, rimada ou não, gritada ou sussurrada, escrita nos livros ou nos muros da cidade, no centro ou nas periferias.

Amo você, língua de um povo que se fez e faz povo pela resistência.

Língua que ao “abri-la”, só encontraram a história e alma de seu povo: seus gritos de guerra, suas vitórias, seus ritos, seus prazeres, suas derrotas e de formas incontornável, o belo de sua resistência, como a língua de Patativa do Assaré.

Língua que flui na boca do povão e é marginalizada, mas que amanhã será a língua das normas e supostos requintes, das leis, da filosofia, será a língua daqueles que desconhecem a história da língua como se fosse um eterno presente. Os estudiosos dizem a norma culta hoje foi o latim vulgar ou do povão de ontem.

Eu a amo, mas também amo ela, a língua em que Graça Aranha escreveu mais ou menos assim: “Maria, não te canses em vão, a terra que eu havia prometido, ela virá com o sangue redimido das futuras gerações”.

Amo a língua em que a futura geração cantará os poetas da liberdade, declamará os escritores do povo, discutirá os filósofos que pensam em um homem humano, entoará a canção que animará a grande luta por igualdade. Língua que traduz também o hino da “A Internacional”.

Amo ela do jeito que o povo “cria e recria” ela. Amo tanto ela, Língua Brasileira que não nega a mãe e sua história, como a mãe não nega a Língua Latina e esta não nega a Pro-Indo-Europeu.

Amo tanto ela que eu a amo. Gosto de tocar ela ou nela tanto quanto gosto de ver ela ou vê-la nos livros ou nos muros da periferia.

Língua Brasileira: “Minha pátria é minha língua, Fala Mangureira, Fala” (Caetano Veloso). Língua que eu não toco, língua que fala em mim, língua que me atravessa. Língua Protoindo-europeia, Língua Latina, Língua Portuguesa, Língua Brasileira.

Pronominais (1925)

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
Oswald de Andrade

Considerações

Uma das propostas foi demonstrar o sentido de soberania da Lusitânia, dos processos de silenciamento dos sentidos dos povos nativos, povos africanos e até as línguas de outros povos europeus e asiáticos. No entanto, nos processos de construção de identidade, o que ficou silenciado encontra as fissuras e brechas, romper as bordas e metaforicamente se projetando enunciativamente para disputar sentidos junto a Lusitânia de não mais Língua Portuguesa e sim, Língua Brasileira, processo de ressignificação, reivindicação.

Referências

MOTTA, Cláudia Santos da. **Análise Do Discurso: Sem Modelo Padrão**. In Web-Discursividade, Estudos Linguísticos, Ed. 24, Jan/2020, End.: <http://ojs.pantanaleditoraeditorialivraria.com.br/index.php/discursividade/issue/view/8>

GINSBURGO, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. 2ª. Edição Paulo-SP: Campanha Das Letras, 1989.

ORLANDI, Eni P. **Análise Do Discurso**. Princípios e Procedimento. Campinas-SP: Pontes. 1999.

_____. **Discurso e Texto**. Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e Sentido. Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. 3ª. Edição. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. Et all. **Papel da Memória**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

_____. **Semântica E Discurso**. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. 3ª. Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e As Cartas A Kugelmant**. 6ª. Ed. Rio De Janeiro-RJ: Paz E Terra, 1997.

RODRIGUES, M. L. Acontecimento Discursivo. Reforma Agrária pela Ocupação. Tese de Doutorado, Estudos Linguísticos, Unicamp, Campinas-SP, 2007.
[HTTPS://WWW.FRASESFAMOSAS.COM.BR/BLOGUE/2016/05/21/PORTUGUES-LINGUA-NACIONAL/GILBERTO GIL](https://www.frasesfamosas.com.br/blogue/2016/05/21/portugues-lingua-nacional/gilberto-gil)